

Émile Bréhier e a noção de problema em *Différence et répétition* de Gilles Deleuze¹

Gonzalo Montenegro
Pós-doutorando, Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Professor *Ad Honorem*, Universidade do Chile
gozznl@gmail.com

Resumo

A pesar de que Deleuze não cita Bréhier na sua tese principal de 1968, *Différence et répétition*, identificamos uma série de referências elípticas a este autor em diversas passagens do estudo, notadamente aquelas que visam articular a noção de problema. Com efeito, nos trechos dedicados a estabelecer as referências filosóficas do assunto, resulta evidente a presença do artigo ‘La notion de problème en philosophie’ de Bréhier (1955). Em breves sete páginas, Bréhier descreve as coordenadas que definem o conceito de problema em filosofia, dentre as quais vale salientar: (1) a presença predominante de Aristóteles na determinação da relação entre os problemas e os tópicos que compõem o senso comum; e (2) a determinação da diferença entre teorema e problema, tendo em vista os comentários de Proclo aos *Elementos* de Euclides. Trata-se, curiosamente, de algumas das coordenadas que determinam positiva ou negativamente a série de aproximações que Deleuze desenvolve sobre a questão do problema ao longo da sua obra. Isso permite explicar, por exemplo, a crítica sistemática do senso comum e a necessidade de decolar os problemas do âmbito pré-filosófico ao qual Bréhier tenta remetê-los. Tais coordenadas permitem também compreender os eixos que determinam a distinção entre teorema e problema que Deleuze faz em *Mil Plateaux* (1980) quando desenvolve uma apologia das ciências menores ou nômades.

O que nos interessa da tese principal é que a discussão com Bréhier atinge uma dimensão claramente pedagógica. No capítulo III, Deleuze coloca o problema dentro do diagnóstico geral da nomeada imagem dogmática do pensar. Esta imagem se compõe de uma série de oito postulados, cada um dos quais evita a criação no pensamento e o submete aos pressupostos do senso comum. O estudo do sétimo postulado salienta o papel dos problemas numa série de práticas que visam criá-los a partir do decalque de afirmações do senso comum. Procedimento proposto por Aristóteles e que leva Bréhier a sustentar a necessidade de que os problemas filosóficos remetam sempre aos tópicos que definem as afirmações do senso comum. Os problemas, portanto, estariam dados naturalmente nas respostas destinadas a resolvê-los. O livro de texto e o professor constituem as figuras pedagógicas fundamentais nas quais se apóia dito postulado. A princípio, nossa comunicação objetiva descrever o sétimo postulado do ponto de vista dos desdobramentos que oferece para pensar o lugar da criação de problemas na educação. Para tanto, atentaremos para as coordenadas que fornece o artigo de Bréhier e a forma como Deleuze as reconstitui no âmbito da crítica das razões de educar que permeia o terceiro capítulo de *Différence et répétition*. Nesse sentido, tencionamos descrever as consequências pedagógicas das coordenadas acima descritas e esclarecer a natureza da criação de problemas que propõe Deleuze.

¹ O presente trabalho é resultado da Pesquisa de Pós-doutorado intitulada *Tópicos da relação entre Gilles Deleuze e Christiane Frémont na leitura de Leibniz visando o estudo do conceito de vice-dicção*, supervisionada pelo Prof. Dr. Hélio Cardoso Jr. da UNESP, e financiada pela FAPESP (out. 2013 - set. 2015). Agradecemos também à Profa. Dra. Patricia Hermosilla da Universidade do Chile, pelo valioso diálogo sobre o conceito de aprendizagem que, de alguma forma, mobiliza os argumentos desta comunicação.

Resumen

A pesar de que Deleuze no cita a Bréhier en su tesis principal de 1968, *Différence et répétition*, reconocemos una serie de referencias elípticas a este autor en diversos pasajes del estudio, especialmente en aquellos que apuntan a articular la noción de problema. De hecho, en los párrafos dedicados a establecer las referencias filosóficas del asunto, resulta evidente la presencia del artículo ‘La notion de problème en philosophie’ (1955). En breves siete páginas, Bréhier describe las coordenadas que definen el concepto de problema en filosofía, entre las que conviene destacar: (1) la presencia predominante de Aristóteles cuando se determina la relación entre los problemas y los tópicos que componen el sentido común; y (2) la determinación de la diferencia entre teorema y problema, considerando los comentarios de Proclo a los *Elementos* de Euclides. Curiosamente, se trata de una de las coordenadas que determinan positiva o negativamente la serie de aproximaciones que Deleuze desarrolla respecto a la noción de problema a lo largo de su obra. Ello permite explicar, por ejemplo, la crítica sistemática al sentido común y la necesidad de elaborar los problemas a partir del ámbito pre-filosófico al cual Bréhier intentan remitirlos. Tales coordenadas permiten comprender también la distinción entre teorema y problema que realizan Deleuze y Guattari en *Mille Plateaux* (1980), cuando desarrollan una suerte de apología de las ciencias menores o nómades.

Lo que nos interesa de la tesis principal es que la discusión con Bréhier alcanza una dimensión claramente pedagógica. En el capítulo III, Deleuze piensa la noción de problema dentro del diagnóstico general de la que denomina como imagen dogmática del pensamiento. Esta imagen se compone de una serie de ocho postulados, lo cuales limitan la creación en el pensar y lo someten a los presupuestos del sentido común. El estudio del séptimo postulado destaca el papel de los problemas en una serie de prácticas que apuntan a crearlos a partir de la transposición de afirmaciones del sentido común. Procedimiento propuesto por Aristóteles e que lleva a Bréhier a sostener la necesidad de que los problemas filosóficos remitan siempre a los tópicos que definen las afirmaciones del sentido común. Por lo tanto, los problemas estarían dados naturalmente en las respuestas destinadas a resolverlos. El libro de texto y el profesor constituyen las figuras pedagógicas fundamentales en las cuales se apoya dicho postulado. En principio, nuestra ponencia tiene por objetivo describir el séptimo postulado desde el punto de vista de los desdoblamientos que ofrece para pensar el lugar de la creación de problemas en educación. Para ello, nos enfocamos en las coordenadas que provee el artículo de Bréhier y la forma como Deleuze las reconstituye en el ámbito de la crítica de las razones de educar que atraviesan el tercer capítulo de *Différence et répétition*. En este sentido, esperamos describir las consecuencias pedagógicas de las coordenadas arriba descritas y aclarar la naturaleza de la creación de problemas propuesta por Deleuze.

Comunicação

Deleuze se foca na questão do problema, após apresentar uma crítica ao modo habitual de submeter o sentido às determinações do senso comum, alvo principal da análise do sexto postulado da imagem dogmática do pensamento realizada no capítulo III de *Différence et répétition* (doravante DR, III). O autor começa se perguntando pelas vantagens de expressar o sentido em termos de uma interrogação e extrai duas consequências a partir disso.

Primeiro, identifica a dependência da interrogação a respeito de um contexto retórico que supõe um orador falando a uma comunidade. Aliás, o orador coloca determinadas

perguntas visando sempre motivar as respostas que ele quer obter da comunidade ouvinte. Para tanto, este se apóia nos pressupostos que dominam o senso comum. Desse modo, transforma os conteúdos implícitos que definem uma comunidade em respostas explícitas. Mas não são apenas os conteúdos dessa comunidade os que interessam a Deleuze. O orador surge também como uma posição bem determinada na distribuição discursiva que acontece na produção de perguntas. O senso comum garante a existência de conteúdos implícitos sobre os quais se sustenta o discurso interrogativo, entretanto a distribuição de tarefas sociais que ele envolve é resultado da operação do bom senso. Quando uma pergunta é criada supõe-se certa distribuição “*du savoir e du donné par rapport aux consciences empiriques, d’après leurs situations, leurs points de vie, leurs fonctions et leurs compétences, de telle manière qu’une conscience est censée savoir déjà ce que l’autre ignore*” (DELEUZE, 1968, p. 203). O sentido, como comprova Deleuze na análise do sexto postulado, continua, portanto, submetido às determinações de uma imagem dogmática do pensamento. Contudo, do anterior deriva uma “*nova via*” para a análise. A fórmula interrogativa mostra, com efeito, que as proposições são casos particulares de solução de uma questão.

Em segundo lugar, distingue-se um campo problemático anterior às interrogações e aos casos de solução. Este campo representa uma vantagem fundamental a respeito da simples interrogação, pois aqui os diferentes casos de solução estão relacionados. Assim sendo, o problema fornece uma superfície ideal de comunicação para os diferentes casos aos quais dá sentido (DELEUZE, 1968, p. 204, 212-213). Além disso, Deleuze estabelece uma diferença entre interrogação e problema que salienta a incapacidade da primeira para esgotar, através dos casos de solução, a abrangência do segundo. A interrogação representa apenas uma forma de desmembrar a síntese e continuidade que caracteriza ao problema.

Neste ponto específico acontece uma hesitação, eventualmente imperceptível, porém, fundamental. No final do parágrafo que comentamos, Deleuze mistura duas terminologias. De um lado, continua falando, como faz desde o começo, em interrogações e respostas. Do outro, fala de problema e proposição, sendo definida a proposição como um “*cas particulier de solution*” (1968, p. 204) do primeiro.

Esta hesitação terminológica se produz no momento preciso em que começa o diálogo invisível com Bréhier. As referências à comunidade na elaboração de perguntas pareciam mergulhar de forma mais ou menos *direta* na retórica aristotélica. Não obstante, quando a mesma questão permite pensar nas características irredutíveis do problema e sua relação com as soluções, a referência a Aristóteles parece encaixar num contexto que só o percurso do artigo de Bréhier (*La notion de problème en philosophie*, 1955) explica.

Os parágrafos que seguem de *Différence et répétition* desenvolvem um minucioso debate com o artigo de Bréhier. Primeiro, Deleuze cita as mesmas passagens dos *Tópicos* de Aristóteles que Bréhier utiliza no artigo citado. Segundo, desenvolve uma interpretação quase idêntica à proposta por Bréhier. Terceiro, e daí o debate, identifica nessa interpretação o signo próprio da imagem dogmática do pensamento.

Trata-se da quarta seção do primeiro livro, na qual Aristóteles propõe criar os problemas trocando uma afirmação por sua forma interrogativa. Ambos os autores salientam, ademais, o cuidado de Aristóteles em gerar perguntas abertas e abrangentes, que considerem internamente as diferentes possibilidades ou casos de solução (BRÉHIER, 1955, p. 11-12; DELEUZE, 1968, p. 207-208). Neste ponto Bréhier sustenta que o pensamento vira filosófico quando supera as limitações da *doxa* e consegue representar, num mesmo pensamento, as possibilidades contraditórias que derivam das múltiplas opiniões expressadas numa comunidade.

"Le problème est donc avant tout conscience d'une alternative; il oppose l'esprit à lui-même. Et nous avons sans doute ici un de points de départ de la philosophie. La philosophie a commencé lorsque les affirmations de la conscience spontanée sur l'univers sont devenues problématiques" (BRÉHIER, 1955, p. 12)

Em termos quase idênticos, Bréhier e Deleuze mencionam as passagens nas quais Aristóteles reconhece a importância das opiniões mais ou menos prováveis recebidas pela maioria dos homens, sejam as dos sábios ou dos ignorantes (ARISTÓTELES, 1982, I, 11, 104a 10). Tais opiniões permitem estruturar os temas ou lugares do discurso a partir dos quais se define um problema (DELEUZE, 1968, p. 207). Comentando Bréhier, mas sem sequer citá-lo, Deleuze reconhece que essa abordagem permite sustentar que a origem dos problemas e do pensamento filosófico está na *doxa*. Certamente, Bréhier salienta a necessidade de superar ou transformar a *doxa* numa coisa diferente². O pensamento deve criar um tipo de expressão que contenha de modo abrangente e sem contradição as possibilidades presentes nas opiniões do senso comum. Só assim ele atinge a dignidade propriamente filosófica. Contudo, Bréhier insiste em que a filosofia tem sua origem no âmbito da *doxa*, que nomeia como metaproblemático. A *doxa* constitui para ele, inclusive, um critério de legitimidade para o estabelecimento dos problemas.

² Ponto de vista semelhante sustenta Vincent sobre como a filosofia é “conquistada contra, mas também, com uma *doxa*” (2009, p. 150)

"Comme on le voit par ces exemples, le danger, en philosophie, c'est de fausser le caractère original des problèmes, en les rapportant à une métaproblématique qui ne leur convient pas" (BRÉHIER, 1955, p. 14)

Lembrando que Aristóteles estabelece a equivalência em número entre as proposições e os problemas (1982, I, 4, 101b 33), Deleuze debate energicamente com Bréhier o ponto de vista que explica a origem dos problemas a partir da *doxa* e que, com isso, sustenta certa posição sobre a origem do pensamento filosófico. Com efeito, segundo esse ponto de vista, o problema não consegue ir além das soluções que já estão contidas no senso comum do qual surge. Jogo desnecessário de transposição que opera através do decalque da *doxa* nos problemas. O pensamento não teria outro destino mais do que validar, sob uma expressão formalizada, as opiniões do senso comum e distribuir os sujeitos do discurso segundo as exigências da comunidade na qual surgem essas opiniões.

Não sabemos o motivo específico que leva Deleuze a omitir a referência ao artigo de Bréhier, mas resulta evidente que o debate o tem por alvo da discussão desenvolvida nas passagens do capítulo III relativas à noção de problema. Ao mesmo tempo, ressalta o fato de que a resposta elaborada por Deleuze tem também a ver com Bréhier. Neste caso é relevante voltarmos aos apontamentos relativos à mudança terminológica que indicamos quando começa o diálogo entre ambos os autores.

Dizíamos que era relevante marcar o momento em que Deleuze deixa de falar de perguntas e respostas e começa a falar em problemas e soluções. Nesse momento distingue também entre problema e proposição (1968, p. 205 n.1). A natureza matemática destes termos é questão conhecida pela tradição. Parece evidente, neste sentido, que Deleuze trate desses conceitos de forma genérica sem precisar, por isso, de Bréhier. Sem embargo, a necessidade de estabelecer uma abordagem paralela à aristotélica parece ter a ver também com as referências que o próprio Bréhier coloca na análise proposta no artigo que comentamos. Esta sugestão se evidencia também através de outros sinais ao longo da obra de Deleuze.

Deleuze o cita com admiração no momento em que estuda a concepção dos incorporais no estoicismo antigo, especialmente nas séries II e XX de *Logique du sens* (1969). Mais tarde em *Mille Plateaux* (1980), junto a Guattari, reiteram essa referência no quarto platô intitulado "Os postulados da lingüística"³. No mesmo texto, no platô XII (*Traité de*

³ Trata-se do breve texto de Bréhier *La théorie des incorporels dans l'ancien stoïcisme*. Em *Logique du sens* Deleuze utiliza principalmente o capítulo I (De l'incorporel en général) relativo às noções físicas dos corpos e os incorporais. Entretanto, *Mille Plateaux*, se foca nas características lógicas dos incorporais estudadas no capítulo II do texto de Bréhier (*Théorie des "exprimables"*).

nomadologie), utilizam a distinção de Proclo entre teorema e problema para diferenciar dois tipos de geometria.

“... le modèle [da ciência nômade] est problématique, et non plus théorématique : les figures ne sont considérées qu'en fonction des affections qui leur arrivent, sections, ablations, adjonctions, projections. On ne va pas d'un genre à ses espèces, par différences spécifiques, ni d'une essence stable aux propriétés qui en découlent, par déduction, mais d'un problème aux accidents qui le conditionnent et le résolvent [...] Tandis que le théorème est de l'ordre des raisons, le problème est affectif, et inséparable des métamorphoses, générations et créations dans la science elle-même.” (1980, p. 447-448)

A explicação, embora novamente não cite Bréhier, coincide surpreendentemente com a descrição que este faz da diferença introduzida por Proclo em seu comentário sobre o primeiro livro dos elementos de Euclides (1873, 76-77). Nesse estudo o geômetra neoplatônico propõe uma diferença sutil entre o âmbito dedutivo e o construtivo na geometria. Assim sendo, há na proposta euclideana passagens referidas à constituição de relações entre as figuras que permitem criar novas figuras (Livro I, proposições I-III). E há também passagens que estabelecem de forma demonstrativa as propriedades dessas figuras (Livro I, proposições IV e ss.). É interessante como o tratamento com cada uma dessas formas de geometria gera operações de natureza diferente. Os problemas são objeto de realizações e criações, entretanto os teoremas são objeto de demonstração (1873, p. 81). A cita de Deleuze e Guattari reproduz, quase textualmente, o momento em que Proclo estabelece a diferença entre teorema e problema. Aquilo parece sugerir um trabalho direto sobre a fonte. No entanto, poucas frases depois, e no mesmo parágrafo, os filósofos criticam Gabriel Marcel para indicar que o problema não deveria ser entendido como um obstáculo (1980, p. 448). Exatamente a mesma crítica que, no final de seu artigo, Bréhier dirige ao filósofo existencialista (1955, p. 15-16). Vale salientar, ademais, que a referência à “*dedução de propriedades*”, para descrever a forma de raciocínio que caracteriza o teorema, não está em Proclo e sim no comentário que Bréhier faz da diferença entre teorema e problema⁴.

"Si nous ouvrons le *Commentaire sur Euclide de Proclo*, qui est fort bien informé de l'histoire des mathématiques, nous y trouvons que, par opposition au théorème qui se propose de déduire une propriété d'un être mathématique de son essence, donnée dans la définition, le problème cherche à construire une grandeur dans ses relations avec d'autres [...], et la solution nous fait assister à la genèse de cette grandeur" (p. 10-11)

⁴ Tivemos na vista a tradução ao francês de Ver Eecke: Proclus de Lycie. *Les commentaires sur le Premier livre des éléments d'Euclide*

Por último, em *Qu'est-ce que la philosophie?* Deleuze e Guattari citam o artigo de Bréhier para tratar a questão da relação entre o problema filosófico e a *doxa*. O problema, conforme indicam os autores, parafraseando a Bréhier, está destinado a determinar a instância que decide sobre o valor de verdade das opiniões. A tarefa da filosofia, neste sentido, consiste em decidir sobre as opiniões do senso comum que podem constituir as verdades da filosofia (1991, p. 76-77).

A série de sinais que evidenciam o conhecimento que Deleuze tem do texto de Bréhier sugere que o diálogo existe antes da cita chegar a ser explícita. O diálogo, em todos os casos, aponta a criticar a dependência da *doxa* com que Bréhier define a tarefa filosófica. Dessa forma, as coordenadas aristotélicas que fornece este último parecem sempre ser o alvo das críticas de Deleuze. Paradoxalmente, a tradição paralela que Deleuze insiste em resgatar ingressa no campo da discussão também graças a Bréhier. Apesar de que Bréhier cita Proclo apenas para nos informar sobre o desenvolvimento da noção de problema na matemática, a distinção do neoplatônico permite a Deleuze definir as coordenadas de seu próprio tratamento da questão. Vale lembrar também que as interações entre a tradição aristotélica e a geométrica estão presentes no próprio texto de Proclo, quem comenta a concepção do problema de Aristóteles e a adapta à sua proposta (1873, p. 79-80). Do anterior deriva a importância que atribuímos ao momento em que a mudança na nomenclatura utilizada por Deleuze em *Différence et répétition*, nos coloca perante um diálogo com Bréhier, cuja complexidade irá se desdobrar ao longo das diferentes obras que analisamos.

Neste ponto, Deleuze não utiliza ainda o termo teorema. Serve-se, portanto, nos próximos dois ou três parágrafos da distinção aristotélica entre proposição e problema⁵. Contudo, não aceita a equivalência numérica proposta pelo filósofo grego na medida em que não permite distinguir adequadamente a natureza do problema. Problema e proposição, aliás, apresentam apenas uma diferença de grau. A crítica de Deleuze visa, ao contrário, introduzir uma diferença de natureza entre eles. Dessa forma, garante-se a possibilidade da filosofia fugir das proposições do senso comum e da *doxa*, em geral. O pensamento e a filosofia garantem sua independência a respeito da imagem dogmática que os submete ao senso comum e ao bom senso, só se pode se traçar uma diferença substantiva entre um âmbito e o outro. Para tanto, Deleuze insiste em salientar o caráter criativo dos problemas.

A distinção de Proclo, que Deleuze se apropria explicitamente em *Mille Plateaux*, introduz uma variação sutil no assunto. Para Aristóteles, as proposições são enunciados que

⁵ A utilização da distinção de Proclo é clara a partir da página 208.

contém uma afirmação com um determinado valor de verdade. Entretanto, os problemas, ao evitar as afirmações, não podem ser nem verdadeiros nem falsos. São, ao contrário, condição de possibilidade da descoberta de verdade. Por isso, devem ser abrangentes e idealmente conter a maior quantidade de possibilidades presentes nas afirmações das proposições (1968, p. 207-208). Ora, para Proclo existem dois tipos de proposições. De um lado, estão os teoremas, que estabelecem sua verdade na dedução de determinadas propriedades para as figuras. Do outro, estão os problemas, que visam estabelecer pelo meio de relações diversas, certas magnitudes com as quais podem se criar novas figuras. Nos dois casos trata-se de acontecimentos ou variações que determinam as figuras. A diferença consiste em que nos teoremas o acontecimento é geral e afeta a toda gama de figuras da mesma espécie. Entretanto, nos problemas o acontecimento é singular e atinge apenas à figura submetida à variação ou criação (PROCLO, 1873, p. 80).

Esta última definição encaixa com a aproximação topológica que Deleuze desenvolve nas diversas passagens em que estuda a concepção de problema. A abrangência desta questão, obviamente, excede os limites do diálogo estabelecido com Bréhier⁶. Contudo, convém salientar que os argumentos propostos nos parágrafos de *Différence et répétition* que enxergam a questão do problema, objetivam definir um âmbito ideal onde os problemas estabelecem a síntese da multiplicidade de casos que servem de solução. A diferença de natureza que Deleuze almeja definir entre proposição e problema não tem por objeto criar problemas sem solução, nem separar o problema da possibilidade deste receber uma solução. A questão visa, ao contrário, definir uma potencia criativa própria no problema. Este deixa de ser a repetição estéril do senso comum e se transforma na produção de um novo campo de comunicação e conexão que cria, no seu próprio movimento, casos de solução (1968, p. 212-214). A descrição de Proclo é essencial, pois o problema em termos estritos concerne à variação que se produz com os acontecimentos que determinam às figuras. Esses acontecimentos representam, cada um, um caso de solução ao movimento problemático. O problema deve ser determinado rigorosamente no próprio movimento de variação. Os casos de solução, da sua parte, serão o resultado ou os momentos desse movimento. Só assim o problema pode ser, em sentido estrito, objeto de criação. Mas, por que insistir na dimensão criadora do problema?

Em primeiro lugar, se os problemas limitam-se a reiterar os conteúdos do senso comum então a capacidade filosófica que eles envolvem não vai para além da *doxa*. A

⁶ Pois envolve um diálogo que travessa toda sua obra com autores como Bergson, Kant, Lautman, Simondon e Leibniz, entre outros.

filosofia fica sem conteúdo específico e destina-se apenas a repetir o que já está antes no senso comum. Em segundo lugar, se os problemas não são objetos de criação devemos supor que eles já existem e nossa tarefa consiste, portanto, apenas em resolvê-los. A segunda dimensão da *doxa*, que Deleuze denomina como bom senso, está encarregada de efetivar a distribuição que essa conceição do problema pressupõe. Alguém estará encarregado de colocar os problemas e outros de resolvê-los.

“C’est un préjugé infantile, d’après lequel le maître donne un problème, notre tâche étant de le résoudre, et le résultat de la tâche qualifié de vrai ou de faux par une autorité puissante. Et c’est un préjugé social, dans l’intérêt visible de nous maintenir enfants” (1968, p. 205).

Cada vez que a tarefa pedagógica se foca na resolução de problemas obriga ao pensamento a se submeter aos conteúdos, mas também à distribuição de tarefas que o problema já existente envolve. Deleuze indica ironicamente que essa imagem transforma o problema num obstáculo e ao aluno em Hércules, ou seja, a figura de uma tarefa cujo objetivo parece inatingível ou exige, pelo menos de quem a enfrenta, forças sobre-humanas (1968, p. 205). Não apenas o âmbito educativo, senão a sociedade inteira se transforma numa grande prova de resolução de problemas: os testes, os programas de governo, os concursos. Deleuze reclama pela necessidade de pensar num *direito aos problemas*, a criá-los e a fazer por nós mesmos o movimento de solução que eles exigem. Se não, ficamos numa situação de escravidão, deslocados da capacidade de criar que os problemas fornecem.

O grito que envolve a reclamação pela necessidade de criar problemas não é apenas uma consigna em Deleuze. O diagnóstico da forma na qual os problemas são decalcados dos conteúdos do senso comum e as consequências na distribuição de tarefas sociais, é exaustivo. Também o é a descrição do movimento que define a natureza criativa do problema. A criação pode se definir, neste contexto, como um movimento de variação que introduz novos casos numa figura. O problema consiste, assim, na conexão dos diversos casos-acontecimentos que afetam à figura em variação.

Ora, esse diagnóstico e proposta não são apenas genéricos. Os exemplos e, no fundo, o âmbito onde desembocam as análises do sétimo postulado sugerem uma relação não ocasional entre pedagogia e discurso filosófico. Em primeiro lugar, à luz da imagem dogmática do pensamento, a repetição da cultura que depende da pedagogia tem como modelo o procedimento de formalização e validação característico da filosofia. Há conteúdos cujo grau de verdade convém decidir e transmitir. O trabalho de resolver problemas consiste, portanto, em definir a probabilidade de verdade das opiniões do senso comum. A tarefa pedagógica,

neste sentido, cumpre com transmitir aquilo que nos diversos âmbitos da cultura decide-se como verdadeiro. Tarefa apenas derivada, conforme acostuma ser definida a pedagogia. Os problemas, de um lado, encarregados de repetir o conteúdo e a forma da *doxa* sobre a qual não decidem e, do outro, a pedagogia encarregada de repetir, do mesmo jeito, aquilo que não foi decidido no seu âmbito de abrangência.

Posto isto, não é curioso que a crítica deleuziana da concepção de problema se desdobre numa crítica da razão educativa que está na base da pedagogia. Não por acaso, as questões pedagógicas estudadas no seio do sétimo postulado desembocam no oitavo postulado, relativo ao saber. Um problema que não cria suas próprias condições está destinado a ser elaborado a partir de um saber pré-existente. O movimento do problema não cria nada na medida em que é apenas um falso movimento. Conhecemos o lugar ao qual se destina um problema e o procedimento de decalque que o força a permanecer no espaço da *doxa*. Sabemos, antes do problema surgir, as respostas para as quais ele é criado. Falso movimento e falsa criação que Deleuze questiona propondo uma nova concepção de aprendizagem. Nestas passagens, o vínculo substancial sugerido entre a crítica da imagem dogmática e a crítica da pedagogia atinge seu ponto mais alto.

“Des tentatives pédagogiques se sont proposées de faire participer des élèves, même très jeunes, à la confection des problèmes, à leur constitution, à leur position comme problèmes. Bien plus, tout le monde « reconnaît » d’une certaine manière que le plus important, ce sont les problèmes. Mais il ne suffit pas de le reconnaître en fait, comme si le problème n’était qu’un mouvement provisoire et contingent appelé à disparaître dans la formation du savoir, et qui ne devait son importance qu’aux conditions empiriques négatives auxquelles se trouve soumis le sujet connaissant” (1968, p. 206).

Aprender para Deleuze consiste em formar um campo problemático. Enquanto a aprendizagem não depende do saber não fica pré-determinado pelos antecedentes da *doxa* ou de uma ciência anterior, nem por determinada finalidade de conhecimento. Por isso, a aprendizagem é ele mesmo problemático. Ele consiste em efetuar o movimento de conexão dos pontos singulares em que se produz a variação de uma questão, assunto ou figura. O problema parece nos atingir quando experimentamos uma sensação de inquietude associada à incompreensão e à confusão. A aprendizagem não desfaz essa sensação, porque ela não consiste em nos projetar até o saber. Ao contrário, a aprendizagem efetua o movimento que conecta as variações às quais nos submete essa inquietação. Neste ponto, vale lembrar que o nome que Proclo (que Deleuze gosta de salientar) utiliza para as variações que sofre uma figura submetida à criação problemática é de *afeto*.

O *afeto* é também o alvo das análises que Deleuze dedica à aprendizagem na obra que escreve em 1964 sobre Proust. Em *Proust e os signos* a aprendizagem é definida como o movimento que, desde o ponto de vista subjetivo, há de ser feito para constituir o problema (1964, cap. III). O mistério e a inquietude são condições do surgimento do problema. Um novo campo nos violenta e obriga a entrar nele. Sofremos pelo afeto do novo problema e só quando nos consagramos à tarefa de percorrer seus principais afetos, os pontos singulares das variações, e realizar as tarefas que surgem desse percorrido, começamos a criá-lo e determiná-lo, ou seja, a aprender. A aprendizagem é, em suma, o movimento de constituição do problema.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. Tópicos. In. Tratados de lógica, Vol. I. Madrid: Gredos, 1982, pp. 89-308.
- BRÉHIER, Émile. Études de Philosophie Antique. Paris: PUF, 1955.
- BRÉHIER, Émile. La théorie des incorporels dans l'ancien stoïcisme. Paris: Picard, 1907.
- DELEUZE, Gilles. Proust et les signes. Paris : PUF, 1964.
- DELEUZE, Gilles. Différence et répétition. Paris: PUF, 1968.
- DELEUZE, Gilles et GUATTARI, Félix. Mille Plateaux. Paris: Minuit, 1980.
- DELEUZE, Gilles et GUATTARI, Félix. Qu'est-ce que c'est la philosophie? Paris: Minuit, 1991.
- PROCLUS. Procli Diadochi in primum Euclidis Elementorum librum commentarii. Godofredus Friedlein (editor), Leipzig : Teubner (1873) [trad. de Paul Ver Eecke : Proclus de Lycie. Les commentaires sur le Premier livre des éléments d'Euclide. Bruges : Desclée de Brouwer, 1948].
- VINCENT, Hubert. Ofício de filósofo e problematização. In. Pedro Pagni e Rodrigo Gelamo (orgs.). Experiência, educação e contemporaneidade. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, pp. 149-163.